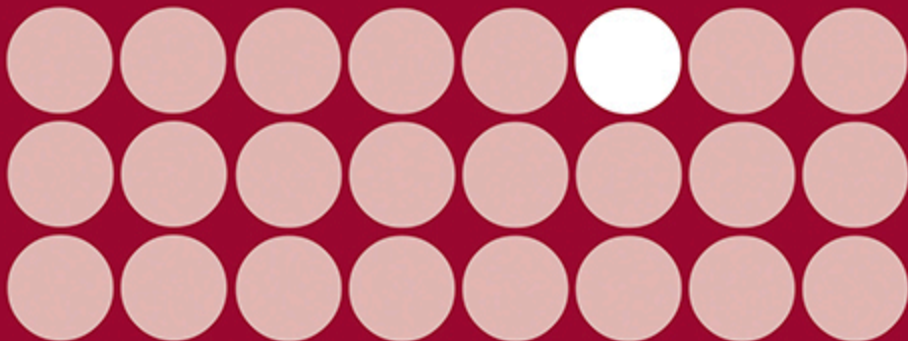


Josué

Introdução e comentário

Richard Hess



·SÉRIE CULTURA BÍBLICA·  VIDA NOVA

SUMÁRIO

PREFÁCIO GERAL	7
PREFÁCIO À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS	9
PREFÁCIO DO AUTOR	11
ABREVIATURAS PRINCIPAIS	13
INTRODUÇÃO	19
Título e texto	19
A pessoa de Josué	22
(a) O Pentateuco	22
(b) O livro de Josué	25
Antigüidade	26
Composição	31
(a) Métodos tradicionais da alta crítica	31
(b) Estratégias literárias	35
Teologia	40
(a) Guerra santa e o interdito	41
(b) A terra como herança	44
(c) A aliança entre Deus e Israel	47
(d) O Deus santo e redentor	48
As distribuições de terra em Josué 13—21	50
(a) Forma e datas da literatura	52
(b) Identificação de sítios	56
ANÁLISE	59
COMENTÁRIO	63
NOTAS ADICIONAIS	100
Etiologias	100
A arqueologia de Jericó	123
A data da entrada em Canaã	124
A arqueologia de Ai	140
Um altar de Josué no monte Ebal?	154
A localização de Hesbom	199
Uma conquista parcial ou total?	253

PREFÁCIO GERAL

O objetivo desta série de comentários sobre o Antigo Testamento, tal como aconteceu nos volumes equivalentes sobre o Novo Testamento, é oferecer ao estudioso da Bíblia um comentário atual e prático de cada livro, com a ênfase principal e maior na exegese. As questões críticas mais importantes são discutidas nas introduções e notas adicionais, ao passo que detalhes excessivamente técnicos são evitados.

Nesta série, cada autor possui, naturalmente, plena liberdade para prestar suas próprias contribuições e expressar seu ponto de vista pessoal em todas as questões controvertidas. Dentro dos limites necessários de espaço, eles muitas vezes procuram chamar a atenção para interpretações que eles mesmos não endossam, mas que representam conclusões defendidas por outros cristãos sinceros.

O Dr. Richard Hess contribui enormemente para a compreensão do livro de Josué com seus profundos conhecimentos sobre os idiomas, a arqueologia e a cultura do antigo Oriente Médio. Ao longo de seu trabalho, lida com problemas que têm preocupado muitos leitores sérios. Entre tais problemas temos, por exemplo, a entrada de Israel na terra prometida, o conceito da “guerra santa”, a proscrição total dos oponentes cananeus, a queda de Jericó e o papel de Raabe. Ao mesmo tempo, o autor não hesita em tornar a aplicação do livro de Josué relevante para a igreja e o leitor cristãos dos nossos dias.

No Antigo Testamento em particular, nenhuma tradução por si só consegue refletir o texto original. Os autores desta série utilizam livremente várias versões ou oferecem a sua própria tradução. Onde necessário, as palavras do texto aparecem transliteradas, para ajudar o leitor que não esteja familiarizado com as línguas semíticas a identificar precisamente a palavra em questão. Presume-se, a cada passo, que o leitor tenha livre acesso a uma ou mais versões fidedignas da Bíblia.

O interesse no significado e na mensagem do Antigo Testamento continua constante, e esperamos que esta série venha a incentivar o estudo sistemático da revelação de Deus, de sua vontade e de seus caminhos registrados nas Escrituras. A oração do editor e dos publicadores, bem como dos autores, é que estes livros ajudem muitos a entender a Palavra de Deus e a lhe prestar obediência nos dias de hoje.

D.J.Wiseman

PREFÁCIO À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Todo estudioso da Bíblia sente a falta de bons e profundos comentários em português. A quase totalidade das obras que existem entre nós peca pela superficialidade, tentando tratar o texto bíblico em poucas linhas. A Série Cultura Bíblica vem remediar esta lamentável situação sem que peque, de outro lado, por usar de linguagem técnica e de demasiada atenção a detalhes.

Os comentários que fazem parte desta coleção são ao mesmo tempo compreensíveis e singelos. De leitura agradável, seu conteúdo é de fácil assimilação. As referências a outros comentários e a notas de rodapé são reduzidas ao mínimo, mas nem por isso são superficiais. Reúnem o melhor da perícia evangélica (ortodoxa) atual. O texto é repleto de observações esclarecedoras.

Trata-se de obra cuja característica principal é a de ser mais exegética do que homilética. Mesmo assim, as observações não são de teor acadêmico. E muito menos refletem debates infundáveis sobre minúcias do texto. São de grande utilidade na compreensão exata do texto e proporcionam assim o preparo do caminho para a pregação.

Cada comentário consta de duas partes: uma introdução que situa o livro bíblico no espaço e no tempo e um estudo profundo do texto, a partir dos grandes temas do próprio livro. A primeira parte trata as questões críticas quanto ao livro e ao texto. Examinam-se as questões sobre destinatários, data e lugar de composição, autoria, bem como ocasião e propósito. A segunda parte analisa o texto do livro, seção por seção. Atenção especial é dada às palavras-chave, e a partir delas procura-se compreender e interpretar o próprio texto. Há bastante substância para se digerir nestes comentários.

Com preços moderados para cada exemplar, o leitor, ao completar a coleção, terá um excelente e profundo comentário sobre todo o Antigo Testamento. Pretendemos, assim, ajudar os leitores de língua portuguesa a compreenderem o que o texto veterotestamentário de fato diz e o que significa. Se conseguirmos alcançar este propósito, seremos gratos a Deus e ficaremos contentes, porque este trabalho não terá sido em vão.

Richard J. Sturz

PREFÁCIO DO AUTOR

Os relatos de Josué estão entre os mais empolgantes da Bíblia. Quem é que nunca se emocionou com a marcha em torno de Jericó e a queda do muro? E quem nunca visualizou em sua mente a cena da batalha do “mais longo dos dias”, quando o sol estacionou em sua posição e Josué combateu os reis do sul? Misturadas em meio a esses relatos vívidos acham-se as descrições da fundação de uma nação em sua terra, das cerimônias de aliança em que todo o Israel se reúne diante de Josué e renova seu compromisso com Deus e da detalhada distribuição de terra, aquele grande e visível símbolo da bênção de Deus ao povo escolhido. Esse é o livro de Josué, e hoje, mais do que nunca, sua mensagem precisa ser ouvida.

Os resultados vibrantes da arqueologia vêm proporcionando ao leitor da Bíblia uma visão mais nítida e mais detalhada do mundo do Israel primitivo do que era possível mesmo há poucos anos. Existem os grandes sítios arqueológicos que vêm sendo escavados por gerações de exploradores (Jericó, Laquis e Hazor) e a compreensão aprofundada e desafios que trazem para a interpretação do período. Existem análises que examinam a estrutura e a forma de fontes textuais fundamentais fora da Bíblia: a estela de Merneptá e sua menção primeira a “Israel”, os textos de Amarna e o quadro que desenhavam do mundo político de Canaã, e os textos cuneiformes recentemente descobertos em Hazor, Hebrom e outros lugares, os quais permitem, ao leitor, uma compreensão mais aprofundada do texto bíblico. E, então, temos o importante surgimento da arqueologia social e, junto com ela, dos reconhecimentos de campo feitos em décadas recentes. Pela primeira vez é possível ter uma visão mais completa de como as pessoas viviam, de onde viviam e de como muitas delas chegaram a se estabelecer na região montanhosa e em outros lugares. Com esses novos dados para se trabalhar, é possível ver, de uma forma mais exata e minuciosa do que antes, as raízes do livro de Josué no mundo israelita primitivo.

Acrescente-se ainda que o impacto de abordagens literárias à Bíblia em geral e a Josué em particular tem resultado em novas maneiras de entender velhos problemas. Perguntas como “Quantas vezes Israel atravessa de fato o Jordão?” e, junto com ela, a inevitável indagação “Quantas fontes compõem este relato?” podem, para respondê-las, ser tratadas de formas mais satisfatórias do que presumindo-se a incompetência dos escritores.

Mais importante, no entanto, do que todas essas oportunidades é a mensagem que este livro traz para o cristão. Aqui se acham encorajamento à fé em Deus em meio às circunstâncias mais desfavoráveis, advertência sobre as terríveis conseqüências do pecado na família e na comunidade e o encorajamento a receber e a aceitar a nova aliança de Deus em Cristo e a apropriar-se de suas bênçãos da mesma maneira como os israelitas de Josué dedicaram-se à ocupação e distribuição da terra prometida.

Sou grato ao diretor e à equipe do Glasgow Bible College pelo seu apoio durante o preparo deste trabalho e especialmente aos estudantes com quem pude conversar sobre muitas das idéias aqui encontradas. Outros também contribuíram com sugestões e idéias para este pequeno comentário, e, dessa forma, é um privilégio agradecer especialmente às seguintes pessoas: Rev David Kingdom, por sugestões e comentários sobre os primeiros rascunhos do manuscrito; Dr K. Lawson Younger Jr, pela leitura cuidadosa de boa parte do trabalho e por observações importantes e perspicazes; e Prof Donald Wiseman, que continuou a oferecer sugestões úteis ao longo das várias fases de elaboração deste manuscrito. Também desejo agradecer ao Dr Graeme Auld pelas sugestões bibliográficas. O professor Alan Millard e o Dr Nicolai Winther-Nielsen bondosamente compartilharam comigo trechos de manuscritos ainda não publicados de sua autoria. A obra é dedicada a Jean, que me ajudou a enxergar além de páginas e telas de texto e ver uma vida vivida em fidelidade.

24 de outubro de 1995

Richard S. Hess
Roehampton Institute, Londres

ABREVIATURAS PRINCIPAIS

AB	Analecta Biblica.
ABD	D. N. Freedman <i>et al</i> (eds.), <i>The Anchor Bible dictionary</i> , 6 vol. (Garden City: Doubleday, 1992).
ACF	Tradução da Bíblia por João Ferreira de Almeida, edição corrigida e fiel.
Aharoni,	<i>Land The land of the Bible: a historical geography</i> , trad. para o inglês e rev. por A. F. Rainey (Westminster: Philadelphia, 1979).
ANEP	J. B. Pritchard (ed.), <i>The ancient Near East in Pictures</i> , 2 ed. (Princeton University Press, 1969).
ANET	J. B. Pritchard (ed.), <i>The ancient Near East texts relating to the Old Testament</i> , 3 ed. (Princeton University Press, 1969).
AOAT	Alter Orient und Altes Testament.
ARA	Tradução da Bíblia por João Ferreira de Almeida, edição revista e atualizada.
ARC	Tradução da Bíblia por João Ferreira de Almeida, edição revista e corrigida.
ASOR	American Schools of Oriental Research.
BA	<i>Biblical Archaeologist</i> .
BAR	<i>Biblical Archaeology Review</i> .
Barthélemy	D. Barthélemy, <i>Critique textuelle de l'ancien testament. I. Josué, Juges, Ruth, Samuel, Rois, Chroniques, Esdras, Néhémie, Esthèr</i> , OBO 50/1 (Fribourg: Editions Universitaires; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1982).
BASOR	<i>Bulletin of the American Schools of Oriental Research</i> .
BAT	A. Biran e J. Aviram (eds.), <i>Biblical Archaeology Today, 1990. Proceedings of the Second International Congress on Biblical Archaeology. Jerusalem, June-July 1990</i> (Jerusalem: Israel Exploration Society, 1993).
BETL	Bibliotheca Ephemeridum Theologicarum Lovaniensium.
Bib	<i>Biblica</i> .
Blaikie	W. G. Blaikie, <i>The book of Joshua</i> (London: Hodder & Stoughton, 1908).
Boling e Wright	R. G. Boling e G. E. Wright, <i>Joshua. A new translation and introduction and commentary</i> , Anchor Bible 6 (Garden city: Doubleday, 1982).

BR	<i>Bible Review.</i>
Butler	T. C. Butler, <i>Joshua</i> , WBC 7 (Waco: Word, 1988).
BZ	<i>Biblische Zeitschrift.</i>
BZAW	Beiheft zur ZAW.
CAD	E. Reiner <i>et al</i> (eds), <i>Chicago Assyrian dictionary</i> (Chicago: The Oriental Institute; Glückstad: J. J. Augustin, 1956—).
CBOTS	Coniectanea Biblica Old Testament Series.
CBQ	<i>Catholic Biblical Quarterly.</i>
cap.	capítulo
<i>Das Land</i>	G. Strecker (ed.), <i>Das Land Israel in biblischer Zeit. Jerusalem-Symposium 1981 der Hebräischen Universität und der Georg-August-Universität</i> , Göttinger Theologische Arbeiten 25 (Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1983).
Fritz	V. Fritz, <i>Das Buch Josua</i> , Handbuch zum Alten Testament I/ 7 (Tübingen: J. C. B. Mohr, 1994).
FTH	A. R. Millard, J. K. Hoffmeier e D. W. Baker (eds.), <i>Faith, tradition, history: Old Testament historiography in its Near Eastern context</i> (Winon Lake, Eisenbrauns, 1994).
Garstang	J. Garstang, <i>The foundations of Biblical history: Joshua, Judges</i> (London: Constable, 1931).
Gottwald	N. K. Gottwald, <i>The tribes of Yahweh: A sociology of the religion of liberated Israel 1250—1050 BCE</i> (London: SCM, 1980).
Gray	J. Gray, <i>Joshua, Judges, Ruth</i> , New Century Bible Commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1986).
Hamlin	E. J. Hamlin, <i>Joshua. Inheriting the land</i> , International Theological Commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1983).
HAR	<i>Hebrew Annual Review.</i>
Hawk	L. D. Hawk, <i>Every promise fulfilled. Contesting plots in Joshua</i> , Literary Currents in Biblical Interpretation (Louisville: Westminster/John Knox, 1991).
heb.	hebraico.
Hertzberg	H. W. Hertzberg, <i>Die Bücher Josua, Richter, Ruth</i> , Das Alte Testament Deutsch 9 (Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1973).
HHI	H. Tadmor e M. Weinfeld (eds.), <i>History, historiography and interpretation. Studies in Biblical and cuneiform literatures</i> (Jerusalem: Magnes; Leiden: Brill, 1983).
HSM	Harvard Semitic Monographs.
HTR	<i>Harvard Theological Review.</i>
IDB	G. Buttrick <i>et al</i> (eds.), <i>The interpreter's dictionary of the Bible</i> (Nashville: Abingdon, 1962).
IES	Israel Exploration Society.

IEJ	<i>Israel Exploration Journal.</i>
IOS	<i>Israel Oriental Studies.</i>
JBL	<i>Journal of Biblical Literature.</i>
JPOS	<i>Journal of the Palestine Oriental Society.</i>
JSOT	<i>Journal for the Study of the Old Testament.</i>
KAI	H. Donner e W. Röllig, <i>Kanaanäische und aramäische Inschriften</i> , 3 vol. (Wiesbaden: Harrassowitz, 1973—1979).
Kallai	Z. Kallai, <i>Historical geography of the Bible: The tribal territories of Israel</i> (Jerusalem: Magnes; Leiden: Brill, 1986),
Keil e Delitzsch	C. F. Keil e F. Delitzsch, <i>Commentary on the Old Testament in ten volumes II. Joshua, Judges, Ruth, I and II Samuel</i> , trad. para o inglês por J. Martin (Grand Rapids: Eermands, s/d).
kh.	Khirbet (Hirbet)
Koopmans,	<i>Joshua 24</i> W. T. Koopmans, <i>Joshua 24 as poetical narrative</i> , JSOT Supplement 93 (Sheffield: JSOT Press, 1990).
Koorevaar	H. J. Koorevaar, <i>De Opbouw van het Boek Jozua</i> (Heverlee: Centrum voor Bijbelse Forming België, 1990).
KS	A. Alt, <i>Kleine Schriften zur Geschichte des volkes Israel</i> (München: C. H. Beck, 1953).
LXX	Septuaginta (versão grega pré-cristã do Antigo Testamento)
LXX A	Septuaginta, códice alexandrino
LXX B	Septuaginta, códice vaticano
Madvid	D. H. Madvid, <i>Joshua</i> , The Expositor's Bible commentary 3 (Grand Rapids: Zondervan, 1992).
Mazar	B. Mazar, <i>The early Biblical period. Historical essays</i> , eds. S. Ahituv e B. A. Levine (Jerusalem: IES, 1986).
Mitchell	G. Mitchell, <i>Together in the land. A reading of the book of Joshua</i> , JSOT Supplement 134).
Moab	A. Dearman (ed.), <i>Studies in the Mesha inscription and Moab</i> , Archaeology and Biblical Studies 2 (Atlanta: Scholars Press, 1989).
Na'aman, Borders	N. Na'aman, <i>Borders and districts in biblical historiography</i> , Jerusalem Biblical Studies 4 (Jerusalem: Simor, 1986).
Noth	M. Noth, <i>Das Buch Josua</i> , Handbuch zur Alten Testament I/7, 2a ed. (Tübingen: Universitätsverlag, 1953).
OBO	Orbis Biblicus et Orientalis.
Ottoson	M. Ottoson, <i>Joswaboken: En programskrift for davidisk restauration</i> , Acta Univesitatis upsaliensis, Studia biblica upsaliensia 1 (Stockholm: almqvist & Wiksell, 1991).
OTS	<i>Oudtestamentische Studien.</i>
PEQ	<i>Palestine Exploration Quarterly.</i>

- Polzin R. Polzin, *Moses and the Deuteronomist. A literary study of the Deuteronomistic history: Part one. Deuteronomy, Joshua, Judges* (New York: Seabury Press, 1980).
- Power M. T. Larsen (ed.), *Power and propaganda. A symposium on ancient empires*, MESOPOTAMIA, Copenhagen Studies in Assyriology 7 (Copenhagen: Akademisk Forlag, 1979).
- RB *Revue Biblique*.
- SBLSCSS Society of Biblical Literature Septuagint and Cognate Studies Series.
- Schäfer-Lichtenberger *Eine studie zu Autorität und Legitimität des Nachfolgers im Alten Testament*, VT Supplement 58 (Leiden: Brill, 1995).
- SJOT *Scandinavian Journal of the Old Testament*.
- Soggin J. A. Soggin, *Joshua. A commentary*, Old Testament Library (Philadelphia: Westminster, 1972).
- Steuernagel C. Steuernagel, *Deuteronomium und Josua*, Hand Kommentar zum Alten Testament, 2^a ed. (Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1923).
- Svensson J. Svensson, *Towns and toponyms in the Old Testament with special emphasis on Joshua 14—21*, CBOTS 38 (Stockholm: Almqvist & Wiksell, 1994).
- SWBA Social World of Biblical Antiquity.
- T Tell (Tel).
- TDOT G. J. Botterweck e H. Ringgren (eds.), *Theological dictionary of the Old Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1974—).
- TM Texto Massorético (o texto hebraico padrão do Antigo Testamento).
- TOTC Tyndale Old Testament Commentaries.
- TynB *Tyndale Bulletin*.
- UF *Ugarit Forschungen*.
- Ugarit and the Bible* G. Brooke, A. Curtis e J. Healey (eds.), *Ugarit and the Bible: Proceedings of the International Symposium on Ugarit and the Bible. Manchester, September 1992*, Ugaritiscg-Biblische Literatur Band 11 (Münster: Ugarit-Verlag, 1994).
- v. versículo/versículos.
- VT *Vetus Testamentum*.
- WBC Word Bible Commentary.
- Weinfeld, M. Weinfeld, *The promise of the land. The inheritance of the land of Canaan by the Israelites*, The Taubman Lectures in Jewish Studies (Berkeley: University of California Press, 1993).

Winther-Nielsen	N. Winther-Nielsen, <i>A functional discourse grammar of Joshua. A computer-assisted rhetorical structure analysis</i> , CBOTS 40 (Stockholm: Almqvist & Wiksell, 1995).
<i>World of Ancient Israel</i>	R. E. Clements (ed.), <i>The world of ancient Israel. Sociological, anthropological and political perspectives</i> (Cambridge: Cambridge University Press, 1989).
Woudstra	M. H. Woudstra, <i>The book of Joshua</i> , New International Commentary on the Old Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1981).
WTJ	<i>Westminster Theological Journal</i> .
Younger	K. L. Younger Jr., <i>Ancient conquest accounts. A study in ancient Near Eastern and Biblical history writing</i> , JSOT Supplement 98 (Sheffield: JSOT Press, 1990).
ZA	<i>Zeitschrift für Assyriologie</i> .
ZAW	<i>Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft</i> .
ZDPV	<i>Zeitschrift des Deutschen Palästina-Vereins</i> .

INTRODUÇÃO

TÍTULO E TEXTO

O título do livro é o mesmo de sua principal personagem humana, Josué. O nome “Josué” compõe-se de duas partes. A primeira é uma forma abreviada do nome divino “SENHOR” (heb. *yhwh*). A segunda parte é a palavra hebraica que significa “salvação”. Dessa forma o nome significa “o Senhor é salvação”.¹ Nomes compostos com a palavra “SENHOR” são comuns em Israel durante todo o período posterior de sua história. No entanto, no início da história de Israel tais nomes ocorrem com menor frequência. Como seria de se esperar (ver Ex 6.3), a nova consciência que se tem do Deus de Israel e da salvação que ele opera levaram gerações posteriores a darem a seus filhos nomes que, de uma maneira ou de outra, reconheçam o poder e o amor de seu Deus. Mas na época de Moisés essa prática era incomum.² O nome descreve um papel especial que Moisés quis que Josué desempenhasse quando deu-lhe esse outro nome em Números 13.16. O nome anterior de Josué, Oséias, significa apenas “ele salvou”. No nome Oséias não fica claro quem é a pessoa ou deus que salva. Ao mudar o nome de Josué, Moisés deixou explícito que o SENHOR é a fonte de salvação.

Na Bíblia Hebraica o livro de Josué, conforme preservado nos nos códices Aleppo e Leningradense do Texto Massorético (TM), é o texto básico usado neste comentário. Esses códices datam de 925 e 1008 AD.³ Representam uma forma do texto hebraico que concorda em sua maior parte com outros manuscritos hebraicos e com a maioria das versões antigas. Existem dois importantes grupos de textos antigos que divergem dessa tradição: a tradução grega de Josué preservada na Septuaginta (LXX) e os fragmentos dos Manuscritos do Mar Morto encontrados na caverna 4 de Qumran, a saber, 4QJos^a e 4QJos^b.⁴

¹J. D. Fowler, *Theophoric personal names in ancient Hebrew. A comparative study*, JSOT Supplement 49 (Sheffield: JSOT Press, 1988), p. 114-5. A transliteração grega desse nome é idêntica ao nome “Jesus” no Novo Testamento.

²J. C. de Moor, *The rise of Yahwism. The roots of Israelite monotheism*, BETL 91 (Leuven: University Press e Peeters, 1990), p. 13-34. De Moor identifica apenas um nome próprio de pessoa na Bíblia à época de Moisés.

³E. R. Brotzman, *Old Testament textual criticism. A practical introduction* (Grand Rapids: Baker, 1994), p. 56-7.

⁴E. Tov, “The growth of the book of Joshua in the light of the evidence of the LXX translation”, *Scripta Hierosolymitana*, XXXI. *Studies in the Bible 1986* (Jerusalem: Magnes, 1986), p. 321.

A crítica textual da Septuaginta de Josué tem uma grande dívida com Margolis.⁵ Estudos adicionais têm confirmado muitas das restaurações que Margolis fez da antiga tradução grega. No entanto, tais estudos têm questionado conclusões prévias de que o tradutor trabalhou com um texto hebraico idêntico ao do TM.⁶ A LXX preserva um texto mais curto de Josué do que o faz o TM, e, uma vez que muitos críticos textuais entendem que textos mais longos são posteriores, vários estudiosos têm sugerido que a LXX preserva um texto mais antigo.⁷ A LXX e o TM preservam duas edições distintas do texto de Josué.⁸ As diferenças entre as duas edições são pequenas. Os críticos textuais identificam elementos secundários nos dois textos.

Não se deve pressupor a prioridade de um texto sobre outro em nenhum caso em particular. Por exemplo, em Josué 7 “Acã” no TM é substituído pelo nome “Acar” na LXX. Acar aparece como nome de Acã em 1Crônicas 2.7 tanto no TM quanto na LXX. Contudo, Acã é a leitura original em Josué. Isso ocorre porque Acã aparece como nome próprio em outras regiões do antigo Oriente Próximo, mas a raiz dessa palavra não tem qualquer sentido em hebraico; por outro lado, Acar é um trocadilho com o vale de Acor (ver comentário sobre Josué 7, p. 138) e torna-se um “apelido” de Acã em 1Crônicas 2.7. Dessa forma, enquanto a passagem de Acã para Acar facilmente se explica pela tendência, na Bíblia, de dar apelidos, uma mudança de Acar para Acã é anômala. Nem é provável que Acar seja erro de escriba ao copiar a palavra Acã, pois o nome aparece mais de uma vez em Josué 7. Pelo menos nesse caso o TM preserva uma leitura mais antiga.⁹

Contudo, a LXX preserva leituras antigas e interpretações do texto bíblico. Por essa razão alguns dos acréscimos mais importantes (e.g., aquele no final do capítulo 24) estão incluídos no seu devido lugar neste comentário.

⁵M. L. Margolis (ed.), *The book of Joshua in Greek* (Paris: Librairie orientale Paul Geuthner, 1931); idem, *The book of Joshua in Greek. Part V: Joshua 19:39—24:33* (Philadelphia: Annenberg Research Institute, 1992). A restauração da antiga tradução grega é feita com base no Códice Vaticano e em leituras baseadas na tradução que Teodócio faz da Hexapla de Orígenes.

⁶Vejá, entre outros, L. J. Greenspoon, *Textual studies in the book of Joshua*, HSN 28 (Chicago: Scholars Press, 1983).

⁷A. G. Auld, *Studies in Joshua: text and literary relations* (tese doutoral não publicada, University of Edinburgh, 1976); idem, “Cities of refuge in Israelite tradition”, *JSOT* 10, 1978, p. 26-40; idem, “Textual and literary studies in the book of Joshua”, *ZAW*, 90, 1978, p. 412-7; idem, “The Levitical cities: text and history”, *ZAW*, 91, 1979, p. 194-206; A. Rofé, “The end of the book of Joshua in the Septuagint”, *Henoch*, 4, 1982, p. 17-35; idem, “Joshua 20: historico-literary criticism illustrated”, em J. H. Tigay (ed.), *Empirical models for Biblical criticism* (Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1985), p. 131-47.

⁸E. Tov, “The growth of the book of Joshua in the light of the evidence of the LXX translation”, p. 321-39.

⁹R. S. Hess, “Achan and Achor: Names and wordplay in Joshua 7”, *HAR*, 14, 1994, p. 89-98.

Fragmentos de dois manuscritos de Qumran contêm o texto de Josué.¹⁰ Pode-se atribuir-lhes a data de aproximadamente 100 a.C. A análise, feita por Greenspoon, de uma seleção de leituras dos dois manuscritos levou-o a várias conclusões, das quais duas são relevantes aqui: (1) Este material demonstra bastante familiaridade com diferentes leituras preservadas no TM, geralmente na direção de que textos integrais são considerados expansões secundárias. (2) O(s) escriba(s) responsável(eis) por esses manuscritos não tinha(m) relutância em incorporar material de sua própria criação, material que julgo estar “no espírito” do TM.¹¹

Tov chega a conclusão parecida em seu exame de 4QJos^b.¹² Quanto à relação dos textos de Qumran com a LXX, Greenspoon conclui: “Não existindo quaisquer (muitas?) concordâncias entre 4Q e a LXX na área mais importante de leituras secundárias, é desnecessário postular que, da parte desses escribas, tenha havido alguma familiaridade com os aspectos distintivos da tradição septuagíntica.”¹³

A variante mais significativa dos manuscritos do Mar Morto acha-se em 4QJos^b. A publicação desse texto por Ulrich indica que fragmentos contêm os seguintes versículos e também texto não-bíblico (= X) nesta ordem: 8.34, 35; X; 5.2-7; 6.5-10; 7.12-17; 8.13-14 (18?); 10-2-5, 8-11.¹⁴ Josué 8.34, 35, que é o relato da construção do altar no monte Ebal, está fora de sua seqüência mas-sorética em 4QJos^b. Ocorre imediatamente após a travessia do rio Jordão. Na LXX 8.30-35 vem logo após 9.1, um texto parecido com 5.1. Essa variante leva Rofé a enxergar várias e diferentes recensões ou edições do texto.¹⁵ Auld defende que isso demonstra que 8.30-35 é um texto tardio inserido por diferentes editores em diferentes lugares do texto.¹⁶ Contudo, a natureza fragmentária

¹⁰L. J. Greenspoon, “The Qumran fragments of Joshua: Which puzzle are they part of and where do they fit?”, em G. J. Brooke e B. Lindars (eds.), *Septuagint, scrolls and cognate writings. Papers presented to the International symposium on the Septuagint and its relations to the Dead Sea scrolls and other writings (Manchester, 1990)*, SBLSCSS 33 (Atlanta, Scholars Press, 1992), p. 159-204; E. Tov, “4QJosh^b”, em Z. J. Kapera (ed.), *Intertestamental essays in honour of Józef Tadeusz Milik* (Cracow: Enigma, 1992), p. 205-12.

¹¹L. J. Greenspoon, “The Qumran fragments of Joshua: which puzzle are they part of and where do they fit?”, p. 174-5.

¹²E. Tov, “4QJosh^b”.

¹³L. J. Greenspoon, “The Qumran fragments of Joshua: which puzzle are they part of and where do they fit?”, p. 175.

¹⁴E. Ulrich, “4QJoshua^a and Joshua’s first altar in the promised land”, em G. J. Brooke e F. García Martínez (eds.), *New Qumran texts and studies: proceedings of the first meetings of the International Organization for Qumran Studies, Paris 1992*. Studies in texts from the Desert of Judea 15 (Leiden: Brill, 1994), p. 89-104.

¹⁵A. Rofé, “The editing of the book of Joshua in the light of 4QJosh^a”, em G. J. Brooke e F. García Martínez (eds.), *op. cit.*, p. 73-80.

¹⁶A. Graeme AULD, “Reading Joshua after Kings”, em J. Davies, G. Harvey e W. G. E. Watson (eds.), *Words remembered, texts renewed: Essays in honour of John F. A. Sawyer*, JSOT supplement 195 (Sheffield: JSOT Press, 1995), p. 167-81.

desse texto e a dificuldade de atribuir, a um texto bíblico em Josué ou em algum outro livro bíblico, qualquer do material de X que vem em seguida indica que é preciso ter cautela até mesmo acerca da natureza do documento de Qumran. Será que este seria um texto de estilo midráxico ou um texto “parabíblico”, contendo uma coleção de várias citações bíblicas junto com comentários e explicações adicionais?

A PESSOA DE JOSUÉ

(a) *O Pentateuco*

Josué é mencionado vinte e sete vezes no Pentateuco.¹⁷ Ele é introduzido no relato da guerra com os amalequitas (Ex 17.8-13) como um guerreiro que luta no lugar de Moisés e que conduz Israel à vitória. De fato, essa é a primeira guerra de Israel após o êxodo do Egito. Josué aparece naquilo que se tornará função característica como general dos exércitos, com uma autoridade aprovada por Moisés e é mencionado sem introdução ou epíteto.¹⁸ Ele personifica a luta na medida que apenas ele é mencionado na seleção do exército e na luta e derrota do inimigo. Israel é mencionado uma vez como um exército (v. 11). Em Êxodo 24.13, Moisés sobe à montanha de Deus com Josué, o qual é descrito como “seu servidor” (heb. *m^ešār^elô*)¹⁹, o qual, quando Moisés desce do cume (32.17), é o primeiro a falar com ele sobre o barulho no acampamento. Ele mantém-se distante do pecado que Israel comete com o bezerro de ouro.²⁰ Parece que Josué teve um lugar na tenda do encontro. Em 33.11 é descrito como “filho de Num” e como “moço” (heb. *na‘ar*; talvez uma melhor tradução fosse ajudante-de-armas), enquanto se prepara para suceder Moisés.

Josué não volta a aparecer se não em Números 11.28, quando protesta contra a ação em que israelitas não escolhidos por Moisés profetizam. Como que para reintroduzi-lo, é mais uma vez descrito como “filho de Num” e “servidor de Moisés, um dos seus escolhidos”. Moisés rejeita o protesto. Apesar de sua proximidade com Moisés e de ter estado anteriormente no monte sagrado, Josué ainda tem muito que aprender antes de assumir a liderança.

¹⁷ Êx 17.9-10, 13-14; 24.13; 32.17; 33.11; Nm 11.28; 13.16; 14.6, 30, 38; 26.65; 27.18, 22; 32.12, 28; 34.17; Dt 1.38; 3.21, 28; 31.3, 7, 14 (duas vezes), 23; 34.9.

¹⁸ Schäfer-Lichtenberger, p. 112, propõe que isso atesta a importância de Josué e sua semelhança com Moisés, que também é introduzido sem o nome do pai. Schäfer-Lichtenberger resalta o duplo papel de Josué: sob a autoridade de seu predecessor, Moisés, e agindo como um líder militar independente. Esse duplo papel reaparecerá no primeiro capítulo de Josué.

¹⁹ Esta é uma pessoa legalmente livre que, assim mesmo, atua numa relação de serviço com outra. Veja Schäfer-Lichtenberger, p. 121.

²⁰ Schäfer-Lichtenberger, p. 124, que também observa a relação existente entre a distância de Josué em relação a Israel e sua proximidade com as coisas santas de Deus (p. 130).

Quando os espiões são enviados a explorar a terra de Canaã, ficamos sabendo pela primeira vez que Moisés mudou o nome de Oséias, da tribo de Efraim, para Josué (Nm 13.16; também em Dt 32.44). Pode-se comparar o ato de Moisés mudar o nome às ações divinas de mudar o nome dos patriarcas Abrão e Jacó. Nesses casos, discerne-se uma qualidade do caráter da pessoa ou seu papel futuro. Será este um reconhecimento de uma ação divina especial de salvar Josué ou será um desejo por Moisés de afirmar a salvação que o SENHOR dá a Israel?²¹

Quando só Josué e Calebe fazem uma avaliação positiva da capacidade de Israel de conquistar Canaã, apenas os dois são poupados da praga que leva à morte os demais espiões e, daquela geração, só eles recebem a promessa de entrarem na terra de Canaã (Nm 14.6, 30, 38). Em Números 27.18-23 Josué é indicado para suceder Moisés.²² Ali ele é mencionado como alguém em quem está o espírito. A designação pública envolve a imposição das mãos de Moisés sobre Josué e sua nomeação (heb. *wayšawwēhū*, v. 23). A transferência pública da autoridade (heb. *hōd*) de Moisés é parcial, pois Moisés continuará a liderar o povo por algum tempo.²³ Como parte de suas responsabilidades Josué ficará diante do sacerdote Eleazar, que discernirá a vontade de Deus por meio do Urim. Josué tem a função de dirigir o povo. Em 34.17 fica claro que o trabalho de Eleazar e Josué diz respeito especificamente à distribuição da terra prometida. As instruções sobre a distribuição da terra para as tribos transjordânicas, no capítulo 32, são encaminhadas a Josué e a Eleazar.

A primeira aparição de Josué em Deuteronômio também é anunciada com um epíteto. Além de sua designação como filho de Num, ele também é descrito como alguém que estava diante de Moisés da mesma maneira que estava diante de Eleazar. Em 1.38 Deus ordena a Moisés que anime (heb. *hazzēq*) Josué, pois ele fará Israel herdar a terra. Quando isso é recontado em 3.28 e associado ao verbo “fortalecer” (heb. *’mš*), cria a conhecida expressão de duas palavras “animar e fortalecer”. Essa fórmula repete-se três vezes quando Moisés transmite a liderança a Josué (31.6., 7, 23). Deus fala a Josué em 31.23 com o encorajamento para “ser forte e corajoso” e com a promessa de sua presença. No entanto, a palavra de Deus se concentra na promessa a Josué de que “tu introduzirás [lit. ‘trará’] os filhos de Israel na terra que, sob juramento, lhes prometi”. Aqui, pela primeira vez, Josué recebe instrução para “trazer” o povo

²¹ Ibid., p. 140, nota que o nome Oséias indica que Josué teve um papel de liderança tribal à parte de seu relacionamento especial com Moisés.

²² Ibid., p. 144, 154, indica que, ainda em Nm 14, não está claro se Calebe ou Josué será escolhido como sucessor de Moisés. Nm 27 deixa claro que Deus, e não Moisés, é quem faz a escolha.

²³ Ibid., p. 166, 174-5, propõe que a autoridade plena de Moisés, recebida diretamente de Deus, é singular e não pode ser transferida na sua totalidade. Veja Dt 34.10.

COMENTÁRIOS BÍBLICOS DA SÉRIE CULTURA BÍBLICA

Os comentários da Série Cultura Bíblica foram elaborados para ajudar o leitor a alcançar uma compreensão do real significado do texto bíblico.

A introdução de cada livro dá às questões de autoria e data um tratamento conciso, embora completo. Isso é de grande ajuda para o leitor, pois mostra não só o propósito de cada livro como as circunstâncias em que foi escrito. É também de inestimável valor para professores e estudantes que buscam informações sobre pontos-chaves, pois aí se vêem combinados o mais alto conhecimento e o mais profundo respeito com relação ao texto sagrado.

Veja a riqueza do tratamento que o texto bíblico recebe em cada comentário da Série Cultura Bíblica:

- Os comentários tomam cada livro e estabelecem as respectivas seções, além de destacar os temas principais.
- O texto é comentado versículo por versículo.
- São focalizados os problemas de interpretação.
- Em notas adicionais, as dificuldades específicas de cada texto são discutidas em profundidade.

O objetivo principal dos comentários é buscar o verdadeiro significado do texto da Bíblia, tornando sua mensagem plenamente compreensível.